

## REMINISCÊNCIAS DA REVOLUÇÃO DE 1930

**Gen. Raimundo Teles Pinheiro**

As 17:30 de 03 de outubro, há 50 anos, deflagrava a Revolução de 1930: cinquenta guardas civis chefiados por Osvaldo Aranha, Flores da Cunha e o Cap. Argenor Barcelos Feio atacaram o Q.G. do Exército, enquanto elementos comandados por João Alberto Lins e Barros atacavam o Depósito de Material Bélico do Morro do Menino Deus — a mais importante posição militar de Porto Alegre — onde foi abatido o Cap. Jayme Argolo Ferrão, que reagira de arma na mão. As 14:00 horas do dia seguinte Porto Alegre estava totalmente nas mãos dos revolucionários, e, 24 horas depois, o mesmo ocorria de Santo Ângelo a Uruguaiana, de Passo Fundo a Cruz Alta, de Alegrete a Rio Pardo, de São Borja a Bagé, de Pelotas a São Gabriel, de Vacaria a Cachoeira.

Em Minas Gerais a Revolução estourou também às 17:30 de 03 de outubro, mas, ao contrário do que se supunha, houve tenaz resistência do 12.º R. I. sob a chefia do Maj. Pedro Leonardo de Campos e do Cap. Josué Freire, que resistiu ao canhonaço incessante dos atacantes durante 5 dias e 4 noites, e só se rendeu por falta de víveres e de água.

Na Paraíba, na madrugada de 04 de outubro, os Tens. Juraci Magalhães e Agildo Barata Ribeiro, acompanhados por outros oficiais e alguns civis, assaltaram o quartel do 22.º B.C., morrendo em combate o Gen. Lavaneri Wanderley e outros oficiais legalistas; e no interior do Estado não houve qualquer resistência.

Ainda na Paraíba, na cidade de Souza, também na madrugada de 04, o 23.º B.C., que lá estacionava, revoltou-se sob o comando do Ten. Carlos Cordeiro de Almeida com a

cooperação dos Tens. Ary Hugo B. Correia e Julio Veras, tombando sem vida em combate o comandante efetivo Cel. Pedro Ângelo Corrêa; poucos dias depois o Dr. Matos Peixoto deixava o governo do Ceará, que foi assumido pelo Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora, levado pelo povo.

No Recife, enquanto Juraci e Barata dominavam a Paraíba, a população se colocava ao lado dos oficiais rebelados e ocupava depósitos de armas e os prédios do governo sob a omissão dos efetivos que os guarneciam. Entretanto, o TG. 333 encontrou feroz resistência no 21.º B.C., de onde a luta se espalhou pelas ruas da cidade, obrigando Juarez a ir buscar reforços na Paraíba. Com a chegada de 680 homens mandados pelos Tens. Juraci e Barata, o povo já lutava nas ruas com as armas que o Cap. Muniz de Farias apreendera num depósito do Exército; na noite de 04 de outubro o presidente Estácio Coimbra fugiu do Palácio e a luta recrudesceu, os quartéis foram caindo sucessivamente, e o povo em festa levou Carlos de Lima Cavalcante para assumir o governo no Palácio das Princesas.

Enquanto isso, o Rio Grande do Norte, Sergipe, Ceará, Piauí e Maranhão passavam para o domínio dos Revolucionários, e, a 14 de outubro, tropas de Minas invadiam Espírito Santo e Rio de Janeiro, sem resistências.

Nesse ínterim as tropas gaúchas, chefiadas por Getúlio com a cooperação do Ten. Cel. Góes Monteiro, e as paranaenses e catarinenses avançavam sobre São Paulo, um dos poucos Estados que não haviam caído em poder dos revolucionários, juntamente com o Pará, Bahia e D.F., e se preparava para detê-las na região de Itararé, cuja defesa foi entregue ao Cel. Paes de Andrade, apoiada por aviões da Força Pública...

Washington Luiz resistiu enquanto pôde, apesar da deterioração em todos os Estados: convocou reservistas, mobilizou suas forças políticas e militares, mas, pouco a pouco, o Exército e a Marinha se envolveram na conspiração. E, no dia 22 de outubro, foi redigida uma intimação ao Presidente da República e distribuídas funções: o Gen. Leite de Castro instalou seu Q.G. em Niterói; o Gen. Mena Barreto no Forte de Copacabana; o Gen. Firmino Borba em São Cristóvão, enquanto o Gen. Pantaleão Teles tentaria convencer a oficialidade da Vila Militar sobre a conveniência do afastamento de Washington Luiz, em face da possibilidade de uma luta fratricida iminente. Entretanto, somente às 23:00 horas de 23

de outubro, o Ministro Sigefredo Passos confirmou que estava em curso uma conspiração nos altos escalões do Exército, e o Presidente determinou a prisão dos conspiradores, que não foram mais encontrados nas suas residências.

Na manhã seguinte os revoltosos lançam de avião a Ordem de Operação n.º 1 sobre o Rio e o Presidente Washington é levado para o Forte de Copacabana pelo Cardeal D. Sebastião Leme. Era o fim, e 24 horas depois tomou posse a Junta Governativa — Gens. Tasso Fragoso e Mena Barreto e Almirante Isaías Alves de Noronha — que entregaria o governo a Getúlio Vargas no dia 03 de novembro seguinte, e no qual se entronizaria até outubro de 1945...

Agora convém fazer-se rápida referência a fatos ocorridos nos anos vinte, os quais constituíram-se fatores da Revolução que mobilizou inovações em todos os setores da vida pública brasileira.

Assim, sumariemos os principais acontecimentos que desaguaram no movimento revolucionário de 30: surto da industrialização (em 1920 tínhamos 13.336 estabelecimentos fabris com mais de 150.000 operários e seus problemas), fundação do partido comunista e outros, contrato da Missão Militar Francesa, realização da Semana de Arte Moderna, fundação da Ação Católica, a farsa das eleições e diplomações, as cartas falsas, o tenentismo, a prisão do Marechal Hermes, a epopéia dos 18 do Forte (Eduardo Gomes, Siqueira Campos, Newton Prado), e o levante da Escola Militar, a Revolução de 1924 (Joaquim Távora, Isidoro Dias Lopes) e Rio Grande do Sul, a formação e marcha épica da Coluna Prestes (Prestes, Juarez, João Alberto Siqueira Campos, Cordeiro de Farias, Djalma Dutra), o estado de sítio, a intervenção nos Estados da Federação, o episódio de Princesa na Paraíba, a fraude nas eleições de Júlio Prestes versus Getúlio, o trágico assassinato de João Pessoa, o crack da Bolsa de Nova Iorque e a crise do café, etc. Todos esses fatos constituíram o caldo de cultura que cozinhou os elementos formadores da torrente revolucionária que nos trouxe muitos males, mas nos deu entre outras conquistas: o Código Eleitoral, o Código de Minas, o Ministério do Trabalho, a ascensão da classe empresarial e toda a legislação que nos rege nos atribulados tempos de hoje...

Para concluir esta arenga que já está longa, desejo prestar um depoimento despretencioso de fatos que presenciei ou

nos quais participei: No dia 15 de fevereiro de 1930 matriculei-me na augusta Escola Militar do Realengo e no dia 20 de março, no Restaurante Sans-Souci, encontrei-me com o aluno da Escola de Aviação Militar Roswel Dutra Ramos, meu contemporâneo no Colégio Militar do Ceará, onde cantáramos a música *Seu Mé* em 1922, na frente do Palácio do Governo, sob o comando do instrutor Ten. Atualpa de Alencar Lima, e posteriormente elegeramos como heróis Siqueira Campos, Juarez, Eduardo Gomez, Joaquim Távora, Isidoro Dias Lopes, Ribeiro Júnior e outros. Dizendo confiar em mim, pôs-me a par de uma série de ocorrências que conduziam a uma revolução, e que eu, se concordasse, deveria procurar ligação com o cadete Olavo Albuquerque e Asp. Afonso de Albuquerque Lima. Fiz a necessária ligação com o terceiranista Olavo Albuquerque e aguardamos os acontecimentos, que pareciam arrefecidos com o Manifesto do Getúlio, e realmente os ânimos pareciam amornados, até que explodiram com o estúpido assassinato de João Pessoa no Recife, na tarde de 26 de julho de 30, e a apoteose do desembarque do seu corpo no Rio, em agosto. E os ânimos se exaltaram, voltando a esperança naqueles que, como eu, acreditavam que a saída do Presidente Washington Luiz seria a salvação da Pátria e do regime envilecido pela fraude eleitoral, pela degola, pelo coronelato, a corrupção e o suborno.

No dia 03 de outubro, consoante diário iniciado nesta data, em 1930, rebenta o movimento em Porto Alegre, a Escola é impedida e minada, enquanto incentivamos a nossa catequese e aceleramos a nossa conspiração, apesar da rigorosa vigilância. Logo no dia 05 de outubro o cadete Hermes Ribeiro de Freitas, julgando não contar com um terço dos cadetes, convida-nos para fugir e a custo conseguimos convencê-lo da inconveniência da sua proposta; também no dia 07 o mesmo Hermes, o Pompeu Sabóia e outros voltam a insistir na fuga; mostrei-lhes a inconveniência dessa atitude, de vez que as nossas ligações com o exterior eram deficientes, as notícias contraditórias e os boatos abundantes; conseguimos convencê-los e acertamos descer sobre a Vila Militar no momento oportuno, combatendo-a, se necessário, e em seguida ligarmo-nos com a Escola de Aviação Militar, no Campo dos Afonsos. E o nosso trabalho de catequese conseguia adeptos e mais confiança.

No dia 10 de outubro entramos em ligação com o Maj. Prof. Antônio José Osório, que se prontificou a comandar-nos,

enquanto planejávamos como chegar ao Palácio do Catete, com a chusma de boatos, a periferia da Escola minada e cercada por soldados da Cia. Extra-numerária, além dos postos de Cadetes na Biblioteca, no Rancho, na Sala de Modelos Úteis e na do Conselho; nessa data entramos, também, em ligação com o Cap. Elias Americano Freire, Comt. da Bta. de Artilharia, que se constituiu um poder moderador, e com o seu auxílio conseguimos ir contendo os mais pessimistas e exaltados. E seguiram-se dias de insônia, sem plano concreto com possibilidade de êxito, face à vigilância férrea e à carência de notícias verídicas do Sul e do Nordeste. No dia 22 de outubro já contávamos com a adesão de grande parte dos cadetes; foram organizadas Cias. de alarme, cresceu a ansiedade, aumentaram as sessões de cinema, etc. À noite desse dia sou designado para o posto da Biblioteca juntamente com o Benedito Diniz, o Tancreto Vieira, 2 companheiros dos nossos e 3 indefinidos, recebendo bastante munição para 3 F.M.H. e dos fuzis, todos sob o comando do Ten. cearense Anibal Barreto. Às 21:00 dirijo-me ao nosso alojamento, a fim de saber se os demais postos estavam ocupados pelos nossos, de vez que com o armamento e munição em nosso poder estávamos em condições de executar o nosso plano, custasse o que custasse. No alojamento encontrei apenas o Hermes e o Maciel que, eufóricos, sem me deixar falar, disseram-me haver-se revoltado o Gen. Leite de Castro; que o nosso Comandante Gen. Deschamps havia aderido ao movimento; que a oficialidade da Escola, com exceção do Cap. Lott, havia aderido; finalmente que o Gen. Leite de Castro viria buscar-nos na mesma noite para fazer o movimento no Rio. Ouvida a exposição, discutimos detalhes da execução, inclusive da necessidade de eliminar o Cap. Lott, com o que sempre discordei, porque sempre reconheci nele qualidades de homem e militar de extraordinário valor.

Voltando ao posto, expus os fatos ao Benedito e ao Tancreto, combinamos como proceder nessa noite, retiramos os percussores dos fuzis dos companheiros suspeitos e aguardamos o momento oportuno, que mais uma vez não chegou.

Ao amanhecer de 23 vieram as explicações: o Gen. Leite de Castro fora a Macaé e quando regressar virá buscar-nos durante o dia ou a noite. Nesse dia conspiramos abertamente, sem temor de qualquer sanção, e a noite, de serviço no alojamento, passei até às 24:00 aguardando um suposto ataque de cadetes da Engenharia contrários ao movimento; nesse

momento passei a arma e o serviço aos gaúchos e fui dormir exausto.

No dia 24 levatei-me com uniforme de campanha juntamente com outros companheiros e recebemos ordem, entusiasmados, para aguardar a hora em que deveríamos seguir para a cidade. Às 08:10 voa sobre a Escola um avião das forças revoltadas, faz algumas acrobacias sobre a cadetada vibrando de entusiasmo e deixa cair uma mensagem para o comando; sobrevoando a Vila Militar, informa sobre o nosso entusiasmo, e o corpo que ainda tinha dúvidas adere.

Às 08:30 tomamos conhecimento de que às 09:00 horas será entregue ao Dr. Washington Luiz, pelo Cardeal D. Leme, o ultimátum para deixar o governo; às 08:55 o Gen. Deschamps percorre sorridente os nossos alojamentos; às 09:00 o cadete Rocha Maia vem ao nosso alojamento e comunica que o Cap. Elias Americano Freire não permite qualquer atentado à pessoa dos que não se revoltarem, bem como que lhes seriam dadas todas as garantias na Bia. de Artilharia.

Às 09:10 voa outro avião sobre a Escola e lança uma mensagem lastrada com todas as missões das tropas no movimento; a nossa, inicialmente, será guardar a Escola, a Fábrica de Cartuchos e estrada Rio-São Paulo. Há um surto de entusiasmo e o piloto deixa cair um gorro, que fica em poder do cadete Hugo Vilas Boas.

Às 09:20 o mesmo avião voa novamente sobre a Escola, lançando uma cópia do ultimátum ao Presidente. E o nosso desejo é descer sobre o Rio, apesar da missão transmitida; e aos gritos de viva a Revolução, viva o Brasil livre, acatamos as ordens superiores.

Às 10:05 sobrevoa a Escola uma Esquadrilha de Bombardeio, que aumenta o entusiasmo da cadetada; e resolvemos descer para o Rio com ou sem comando e nos preparamos para tal; mas às 10:25 acalma-nos a notícia de que o governo provisório está a caminho do Realengo, a fim de ser empossado na Escola, assinando nesse local os primeiros Decretos. após o que seria levado ao Palácio do Catete. Ao sobrevoar a Escola, um outro avião, alguém levanta um pano vermelho no 3.º pátio, e os cadetes de artilharia gritam "calma!". E princípio a desconfiar que estamos sendo enganados, mormente, depois que o Cap. Americano Freire manda pedir que mudemos o uniforme de campanha, para não alarmar, como pode!

Às 12:25 recebemos a notícia de que o Dr. Washington Luiz havia renunciado, e o pessoal vibra aos gritos de viva o Brasil livre! Viva a Revolução! Viva Juarez! Viva Siqueira Campos! E a Escola aguarda a vinda do Governo Provisório, razão por que, diz o Ten. Taurino, não devemos sair para o Rio!

Às 12:45 esperamos a confirmação da deposição do Presidente, enquanto procuramos sair para o Rio e lá empossar a "Junta".

Às 12:50 a Escola em peso canta o Hino Nacional na galeria entre os 2.º e 3.º pátios; o Cap. Lott tenta fazer calar a cadetada empolgada, procurando imprimir ainda a sua férrea disciplina; há quem empunhe revólver para nele atirar, mas o Ten. Taurino retirou-o com prudência do local, e a massa dirigiu-se para o 1.º pátio aos vivas a Juarez e à Revolução; e eu, aproveitando uma pausa, dei um viva a Siqueira Campos, infelizmente falecido antes; o entusiasmo não tem limites: risos, abraços, lágrimas. Com a explosão de ódio do cadete Ary Lopes recebemos conselhos dos professores Maj. Osório e T. Cel. Duque Estrada e os ânimos pouco a pouco voltam à calma durante a tarde.

Às 20:30 a 1.ª Cia. de Emergência recebe ordem de deslocamento e apronta-se a fim de seguir para o Catete; constando que nos comandaria o Cap. Lott, o pessoal do 3.º Pel. me avisou que não aceitaria o seu comando, nem o dos Tens. Aníbal e Pulchério; fui com o Hermes ao Cap. Americano Freire e ele nos informou que não seria o Lott, mas pedia que aceitássemos o do Ten. Pulchério; então, eu, o Hermes e o Golbery convencemos aos companheiros que aceitássemos com a seguinte condição: se realmente viessem tropas de São Paulo para depor a "Junta", como se propalava, o Golbery (terceiranista) assumiria o comando da Cia. e alunos do 2.º ano, por nós escolhidos, assumiriam os comandos dos pelotões. Tudo combinado, embarcamos no trem às 23:00 horas, chegando ao Catete sem alteração aos 50 minutos do dia seguinte e substituímos tropa do 3.º R.I. (Eu, o Tancredo e o Hermes Freitas saímos de bonde pela cidade até a Estação Pedro II, único local em que encontramos algumas pessoas).

No dia 25 de outubro às 10:00 disse-me o Cap. Av. Fontenele que estavam satisfeitos com a atitude da Escola; mas, depois do almoço, eu conversava com o Golbery na "gruta", quando fomos chamados para tomar conhecimento de graves

notícias. Cerca de 100 metros para o lado da Praia do Flamengo encontramos o Hermes, o David, o Ary Lopes, o Walter Paes, o Tancredo e outros, que conversavam exaltadíssimos, comentando que se dizia haver o Gen. Deschamps nos traído, em vista do que a nossa atitude teria sido dúbia, e por essa razão desejavam fazer novo movimento. Não concordamos eu e o Golbery e convencemos que se mandasse uma comissão à casa do Maj. Antônio José Osório a fim de ouvir a sua opinião. Aceito o nosso alvitre, deixamos o Catete às 15:00, tomando um automóvel para o Meyer: eu, o Hermes, o Tancredo e o "Tatu". Não encontrando o Maj. Osório em casa, deixamos um recado pedindo que nos procurasse no Catete; quando retornamos encontramos o pessoal temendo que a Junta traísse ao Juarez e ao Getúlio. Visto que já havia ordem para regressarmos a Realengo, o que realmente se deu à noite, recolhendo-nos à Escola onde chegamos às 24:00h. E com um mundo de pensamentos pessimistas, julgando que a minha prudência esfriando os ânimos dos exaltados fora um erro, dormi pouco e mal, com o sistema nervoso em pandarecos.

No dia 26 de outubro, pela manhã, fui à missa e depois desta, com o Hermes, o David e o Tancredo, desloquei-me de trem para o Rio, havendo antes combinado com o Ary Lopes e o Tatu para encontrarmo-nos no Meyer. Aí chegados, tomamos destino: eu, o Hermes e o Tancredo fomos à casa do Maj. Osório, enquanto o Tatu, o Ary Lopes e o David iriam à casa do Ten. Av. Melo "Maluco", a fim de pedir que levassem-nos à presença de Juarez na Bahia, com o objetivo de expor a nossa situação e as suspeitas com relação à "Junta". Na casa do Maj. Osório conversamos até às 18:00, ficando estabelecido que, na hipótese de traição, ele assumiria o comando da Escola. Chegando na Estação Pedro II às 18:40, encontramos com o David que ainda não falara com o Ten. Melo; então, aceitamos um seu convite e dirigimo-nos para a residência daquele aviador, que nos recebeu muito eufórico e, ciente da nossa missão, aconselhou muita calma, que empenhássemos o 'Juizinho que Deus nos deu', aguardássemos a deliberação dos verdadeiros revolucionários e que seríamos por ele informados. Em seguida voltei à Escola e dormi como um anjo.

No dia 27 às 10:30, sou chamado pelo Golbery para descermos com 1 Sec. de Mtr., a fim de garantir o Telégrafo Nacional, sob a chefia do Cap. Napoleão Alencastro Guimarães; não consentindo o Gen. Aranha, que substituíra o Gen.

Deschamps no comando da Escola, decidimos fugir; em consequência toda a Escola se armou e decidiu apoiar-nos. Quando já estávamos prontos para o embarque, falou-nos o Gen. Aranha pedindo calma e que aguardássemos a resposta de consulta feita ao Ministro da Guerra. Enquanto aguardávamos a resposta verificaram-se desacatos lamentáveis por parte de alguns exaltados, que devem continuar sepultados na poeira desses 50 anos. Chegada a ordem para o embarque, voltou a sensatez aos poucos desatinados, e eu embarquei na primeira composição com destino ao Ministério da Guerra, onde ao chegar entrei de serviço nos fundos do Q.G. com o Paulo Holanda e o Breyer, até o alvorecer.

Passei quase todo o dia 28 papeando com os companheiros e dormitando pelo passadiço. Entretanto, às 22:00 conversávamos eu, o Hermes, o Antônio Tinoco, o Pompeu, o David e outros, quando fomos chamados pelo Ten. Daemon, que determinou a seleção de 18 homens para cumprimento de uma missão de sacrifício; selecionado o pessoal (eu, o Hermes, o Antônio Tinoco, o José Sabóia, o Daut, o Maciel, o David e outros cadetes), recebemos a missão: "Preparam uma contrarrevolução para hoje, e vocês pernoitarão no pavilhão da 1.<sup>a</sup> R.M., onde se acham os Gens. Leite de Castro e Firmino Borba; resistir sem idéia de recuo, em caso de ataque". Foi mais uma noite sem dormir! Apenas...

No dia 29 de outubro, pela manhã, sou mandado para o Palácio do Catete, onde apenas durmo, como com apetite, tomo banho de mar e recupero as energias gastas desde o início da conspiração. E no dia 03 de novembro, após a posse de Getúlio Vargas no Governo, regresso de vez à Escola, onde fico aguardando o embarque num "Ita" para o Norte, a fim de gozar férias no meu Ceará. E faço comigo o compromisso de jamais conspirar...